

OS BRASILEIRISMOS DE “ORIGEM
DESCONHECIDA” E AS LEXIAS E EXPRESSÕES DE
ORIGEM AFRICANA NUM LEVANTAMENTO DO
LÉXICO DE ‘NORDESTINOS PIONEIROS EM
GUAJARÁ-MIRIM’¹

Catherine B. Kempf
Universidade Federal de Rondônia
itamoc@uol.com.br

Abstract: The long contact -despite irregular and intermittent - between various dialects of European Portuguese and various African languages in the Brazilian linguistic ecosystem, under formation and constant reformulation during all the colonial and imperial period, perhaps has not led to the formation of Creole language (s), but it left deep marks in the vernacular (or popular) Brazilian Portuguese (PVB), at least in respect to the vocabulary; linguistic “accommodation” is highly probable too, affecting the morphosyntax and the semantics of Brazilian varieties. The intention of this paper is to give some examples of this accommodation (or “convergence”) based on a corpus consisting of interviews with “nordestinos”, in its majority proceeding from the state of Ceará, who migrated to Rondônia before and after World War II. In this corpus, the numerical importance of the lexicon of proven or probable African origin, mainly Bantu, frequently shown as “brasileirismos of unknown origin” by the dictionaries, as well as the (syntactic and semantic) non-standard structures calls attention. The “Wave Theory” (Wellentheorie) is requested to provide a possible explanation of certain changes or linguistic innovations.

Key-words: language contact, Brazilian Portuguese, African languages

Documentação e descrição dos falares do Vale do Guaporé (Rondônia)

Um dos grupos de pesquisa do CEPLA(UNIR) iniciou, há algum tempo já, a “documentação e descrição dos falares do Vale do Guaporé (Rondônia)”. Ora, toda descrição, de alguma forma, é contrastiva: querer mostrar o que estes falares tem de peculiar supõe que aquilo que eles tem em comum com outros falares, em particular brasileiros, esteja amplamente documentado.

Assim sendo, o presente trabalho pretende, ao mesmo tempo, ser uma introdução prévia aos pressupostos teóricos e metodológicos de alguns aspectos dessa descrição, e uma apresentação daquilo que os falares nordestinos trouxeram, no que diz respeito ao léxico, para Guajará-Mirim²; em se tratando de lexias de provável origem africana, é de se supor que estes nordestinos adquiriram algumas outras lexias no contexto guajaramirense, a través do contato com as populações do Guaporé; o próprio falante, em alguns casos, tem consciência disso.

O ecossistema linguístico de Guajará-Mirim

A cidade de Guajará-Mirim (Rondônia), localizada na beira do rio Mamoré, frente à cidade gêmea de Guayaramerim na Bolívia, assim como todo o Vale do Guaporé, que já pertenceu ao município de Guajará-Mirim, apresenta um ecossistema linguístico especialmente rico em variedades e línguas, se considerarmos a pretensa unidade linguística do Brasil. Pela tipologia das línguas que ali estiveram, e, em parte, ainda hoje estão em contato neste ecossistema, e pelas condições históricas dentro das quais ocorreu o povoamento deste Vale depois da “conquista”, durante todo o período colonial e imperial, se constituiu aqui um cenário quase perfeito para o surgimento de um crioulo, ou no mínimo de uma “língua mista”, tendo por base lexificadora as línguas neolatinas (variedades do espanhol e do português), contribuições lexicais das línguas ameríndias e das línguas africanas, e um eventual substrato

¹ ‘NORDESTINOS PIONEIROS EM GUAJARÁ-MIRIM’: parte do título da dissertação de mestrado cujo corpus embasa as presentes reflexões. (cf. bibliografia: Auxiliadora dos Santos Pinto, 2005, O Conservatismo na fala de migrantes nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim. Orientação: Catherine B. Kempf).

² Estritamente falando, Guajará-Mirim não faz parte do Vale do Guaporé. Mas era ali que aportavam os nordestinos – em particular os chamados “Soldados da Borracha” – que iriam compôr a população dos seringais, e que hoje são chamados de “Ribeirinhos” no Vale do Guaporé. E é pra Guajará que voltavam e voltam, quando, por exemplo, se preocupam com os estudos dos filhos.

afro-ameríndio ativo na re-gramaticalização; o que se esperaria, então, seria no mínimo uma “acomodação linguística”³ entre as diversas línguas em contato, tipologicamente bastante distintas umas das outras.

O crioulo não se constituiu, fora uma provável existência efêmera nos quilombos do Vale do Guaporé; as razões são conhecidas – cf. Teixeira et al. (o.c.) e Mufwene (o.c.): as populações indígenas foram dizimadas, os quilombos destruídos seguidamente, e é somente a partir do primeiro ciclo da borracha que a presença brasileira voltou a tornar-se mais significativa.

Como escreve Barbery⁴:

“Assim, o processo migratório que veio a povoar o Estado de Rondônia, antes da década de 70, passa por diferentes fases. Primeiro foi a descoberta do ouro no vale do Rio Guaporé, que trouxe as populações de origem africana (Século XVIII). Em seguida, os ciclos da borracha (Séculos XIX e XX), que trouxeram inúmeros nordestinos. Depois a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM (1870), que trouxe inclusive barbadianos. Posteriormente, a descoberta da cassiterita (1952) e, por último, a construção da BR-364, na década de 60, com a abertura das terras para a colonização agrícola, trouxe os desvalidos do Brasil inteiro, encurralando o que ainda sobrava de populações indígenas para os topos das serras e as nascentes dos rios.”

Ou ainda (ibidem):

“(...) muitas daquelas famílias (...) chegaram em Guajará-Mirim vindo de Costa-Marques, seguindo um movimento migratório que tem a sua “nascente” em Vila Bela do Guaporé e foi povoando aos poucos, desde o século XVIII, as margens deste rio, integrando ou eliminando as populações ameríndias.”

Essa “nascente” em Vila Bela merece destaque, porque é ali que chegavam os escravos trazidos pelos “paulistas” para trabalhar na extração do ouro; é dali

³ Cf. Smith (o.c.), Thomason (o.c.), Thomason & Kaufman (o.c.) e Clements (o.c.) para o conceito de “acomodação” linguística.

⁴ Noely de Oliveira Barbery, 2004, O ecossistema lingüístico em Guajará-Mirim/RO : a fala dos imigrantes bolivianos e a hipótese da interlíngua, dissertação de mestrado, UNIR/RO, campus de Guajará-Mirim. Orientação: Catherine B. Kemp.

que fugiam para constituir quilombos; foi ali que eles ficaram⁵ quando o ouro do Guaporé se esgotou (fim do séc. XVIII) e que a capital do Mato Grosso foi transferida para Cuiabá (início do sec. XIX): em Vila Bela, cuja fala teve por língua lexicadora o galego-português dos bandeirantes⁶, é mais do que provável que a África não tenha deixado somente traços culturais e fenotípicos.

Entretanto, na cidade de Guajará-Mirim, a presença marcante na constituição da população da cidade, além da presença dos bolivianos e dos ribeirinhos do Guaporé, é a dos nordestinos; como escreve Barbery (que, por sua vez, no seu trabalho, analisou a “acomodação linguística” entre variedades não-padrão do português de Guajará-Mirim e variedades não-padrão do espanhol de Guayara, levantando a hipótese da interlíngua) (ibidem):

É importante dizer que, antes mesmo do início da década de 70, Rondônia já havia recebido correntes migratórias, sobretudo de nordestinos, que, vítimas da seca e motivados pelas políticas governamentais, migraram para a Amazônia. O sonho de encontrar trabalho, aliado a novas oportunidades, trouxe milhares de “homens da seca” que, ao invés da prosperidade, encontraram aqui muitas dificuldades e serviram de objeto de exploração de mão-de-obra nos seringais. Muitos retornavam às origens, outros eram acometidos de doenças letais, conhecidas como doenças regionais, e outros tantos se fixavam na floresta, adotando a cultura da população nativa, a ponto de serem reconhecidos hoje como “povos da floresta”, sendo, portanto, parte integrante do ecossistema linguístico aqui constituído.

A “saga” dos nordestinos em Guajará-Mirim

O segundo ciclo da borracha (segunda guerra mundial) e os primeiros assentamentos de trabalhadores rurais pelo INCRA (início dos anos cinquenta) trouxeram numerosos nordestinos especificamente para Guajará-Mirim. Tanto é que até hoje bairros inteiros da cidade são cunhados como sendo “dos nordestinos”, e linhas de assentamento como “dos paraibanos”, dos “cearenses”, etc. Essa presença significativa motivou a pesquisa inicial⁷ dizendo respeito à

⁵ “deixados por conta”, já que as reservas de comida tinham também se esgotado, e que os portugueses não acharam que valia a pena tentar leva-los até Cuiabá, cf. Teixeira, (o.c.).

⁶ Cf. Heitor MEGALE, o.c.

⁷ Dissertação de Mestrado de Auxiliadora dos Santos Pinto (2005), sob a orientação de Catherine B. Kempf.

contribuição do léxico dos falares desses nordestinos à constituição do português não-padrão de Guajará-Mirim.

Foram gravadas histórias de vida, de homens e de mulheres⁸, com informantes nascidos no nordeste que chegaram em Rondônia já (ou quase já) adultos (critério da “estabilidade linguística”). Em seguida, foi feito o levantamento de todas as ocorrências de lexias⁹ (cf. Pottier, em Mounin) conotadas como sendo nordestinas: umas das dificuldades sendo justamente a falta de critérios objetivos na determinação daquilo que seria “nordestino”, se desconsiderarmos o famoso “sotaque”. Esse “sotaque” nordestino, i.e. as características fonológicas e fonotáticas dos falares nordestinos foram já descritas (levando em conta as diferenças inter-regionais); os falantes mais velhos ainda mantêm essas características, enquanto os mais novos e aqueles que têm mais escolaridade manifestam uma maior acomodação linguística em direção a uma “média” Guajará-Mirense; essa “média” é a manifestação mais concreta da acomodação linguística, porque indica tanto influências bolivianas quanto nordestinas e guaporeanas. Assim sendo, levantamos também, dentro do corpus, ocorrências de lexias relacionadas ao trabalho e à vida nos seringais, lexias que obviamente não provêm do nordeste, mas que foram incorporadas aos seus falares pelos nordestinos e que apontam para estas influências bolivianas e guaporeanas.

Está previsto, numa etapa ulterior desta pesquisa, estabelecer as ocorrências e a frequência destas lexias no português não-padrão de Guajará-Mirim, para averiguar até que ponto esse “conservantismo” lexical dos nordestinos cunhou o português não-padrão de Guajará-Mirim.

Estas características do português vernacular de Guajará-Mirim¹⁰ não são compartilhadas pela maioria dos outros falares de Rondônia; de fato, Rondônia apresenta um quadro extremamente complexo de “misturas” entre grupos de procedências as mais diversas, onde dominam as migrações procedentes da região sul: Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. É por essa razão que parece prematuro querer estabelecer o Atlas Linguístico de Rondônia: trata-se por enquanto de uma “somatória” de falares das mais diversas procedências, **onde a função identitária da variedade age como “freio” na acomodação linguística.**

⁸ Com a ressalva de que quase não se têm mulheres na geração dos seringueiros, os chamados “soldados da borracha”.

⁹ Termo cunhado por Pottier, cf. Mounin, Dicionário de linguística.

¹⁰ Ver a esse respeito a dissertação de BARBERY, o.c.; falta uma descrição fonética e prosódica específica deste português não padrão.

A fala dos nordestinos

Chamou à atenção a importância numérica, dentro do corpus constituído, das lexias rotuladas pela maioria dos dicionários como sendo “brasileirismos”, muitas vezes “de origem desconhecida”, quando não eram, de maneira equívoca, atribuídas ao tupi ou a alguma outra língua ameríndia. Levantamos assim cerca de 100 lexias possivelmente de origem africana, na sua maioria bantu, num conjunto de cerca 700 lexias conotadas como sendo “nordestinas” pelos dicionários e pelos trabalhos consultados (cf. bibliografia da dissertação de Mestrado). Acrescentamos as lexias supra-referidas de provável origem boliviana e guaporeana, boa parte das quais nem sequer consta dos dicionários brasileiros. Vale ressaltar que a maioria dos informantes (cerca de 80%) é originária do Sertão cearense, espaço¹¹ onde, aparentemente, a presença de populações de origem africana é reduzida; essa impressão de “coisa estranha”, “fora do lugar”, é reforçada pelo racismo e pelos diversos preconceitos manifestados no discurso dos informantes a respeito dos “negros”.¹²

A teoria da “prévia criouliização”

Estas constatações, mais uma vez, levam à já conhecida teoria da “prévia criouliização”¹³ do português brasileiro – muitas vezes rechaçada com ênfase¹⁴. Vale lembrar aqui rapidamente as linhas mestres desta teoria:

- * a presença, ao longo do período escravista – ainda que pouco documentada, mas atestada por viajantes europeus e por “missionários” católicos – de “línguas de mina”, ou “línguas de senzala”, etc., em uso nas comunidades formadas pelos escravos ou libertos, em regra geral – mas nem sempre – de procedências étnicas e linguísticas diversas; * os “bolsões” de “línguas gerais” (paulista ou amazonense) “cortados” por “bolsões” onde não se teria falado uma língua geral, mas onde, também, com certeza, a

¹¹ Ou “ecossistema linguístico”; Cf. Maria de Lourdes BANDEIRA : “Espaço negro em território branco”, título da sua dissertação de mestrado, a respeito de Vila Bela.

¹² Vale reler João Guimarães Rosa para se ter uma representação do peso deste racismo...

¹³ Cf. COUTO, o.c.

¹⁴ Cf. NARO e SCHERRE, PAPIA 11, 2001, p.41-51.

população, na sua maioria escrava, não falava o português padrão da época¹⁵;

- * a incontornável necessidade do ser humano de firmar a sua humanidade pelo exercício da sua faculdade de linguagem e pela pertença a uma comunidade de fala;
- * a prevalência numérica dos escravos de origem bantu, durante quase todo o período colonial, principalmente nas zonas rurais do nordeste açucareiro e pecuário; os escravos “minas” (ou jêje, ou nagô, ou outras apelações mais) eram sobretudo “das minas”, ou então das cidades;
- * a possibilidade de que parte destes africanos reduzidos à escravidão já tenha chegado no Brasil falando o “pretuguês” de Angola (sem, no entanto, aderirmos à teoria da monogênese dos crioulos!): o porto de Luanda era, e foi durante vários séculos, o lugar de concentração dos escravos antes do embarque para o Brasil, depois de terem sido “caçados” em regiões muitas vezes bastante afastadas da costa;
- * a difusão destes falares dos escravos, na medida em que ia progredindo a colonização do “interior” brasileiro; vale lembrar o que Gilberto Freire (ou então José Lins do Rego!¹⁶) contam a respeito da presença efetiva e afetiva da população -numericamente dominante – de escravos nos ambientes os mais íntimos da Casa Grande;
- * o levantamento, dentro do português não-padrão, de uma série de traços – além, justamente, dos vocábulos reconhecidamente de origem bantu -que podem ser relacionados a esse “substrato” bantu:

¹⁵ Cf. entre outros RODRIGUES, Aryon D., o.c.; em Salvador, por exemplo, teria se falado “quimbundu” : cf. “A arte da língua de Angola” publicada pelos jesuítas em fim do sec. XVII, para a catequese dos africanos e “crioulos”.

¹⁶ E muitos outros autores (José de Alencar, Guimarães Rosa, Silvio Romero, etc.) É interessante notar que justamente Sílvia Romero desconhecia a origem africana da maioria dos contos da coletânea que ele publicou...

1. a verdadeira “ditadura”, no português não-padrão, da estrutura fonotática (CV)ÈCV(CV) que desmancha todos os encontros consonantais, somente deixando substituir C^v~V (a vogal eco do tepe constituindo o núcleo de uma sílaba virtual)¹⁷, e que elimina também os “esdrúxulos” (*abobra, passo, arve* para abóbora, pássaro, árvore); essa “ditadura” é real na maioria das línguas bantu, e principalmente naquelas que foram representadas de maneira significativa no Brasil (populações oriundas da área que se estende do Congo-Angola até o Moçambique), e atestada também pelo forma que os empréstimos a línguas européias tomam nas referidas línguas.¹⁸

2. uma série de estruturas morfológicas e sintáticas que, se elas podem remeter a evoluções paralelas em outras línguas românicas, em particular o francês, não deixam de chamar a atenção¹⁹.

Lembramos aqui rapidamente alguns aspectos tipológicos das línguas bantu em pauta:

- * a ordem é SVO;
- * trata-se de línguas do tipo “aglutinante”, i.e. não tem morfemas de flexão sufixados, nem morfemas “porte-manteau” concatenados a uma base;
- * elas têm um rico sistema de classes nominais, com **prefixos** de classe alternados sg/pl, em parte com bases semânticas (classes dos seres humanos, dos seres vivos, classe dos objetos, dos líquidos, dos pares, dos diminutivos, dos locativos, etc.), com morfemas de concordância obrigatórios dentro da forma verbal para o sujeito, para o objeto direto quando o verbo é transitivo e o objeto indireto quando o verbo é “bi-valente” obrigatório (tipo “dar”); ademais, a ordem de inserção destes morfemas (prefixos e infixos) é fixa;
- * os morfemas de tempo-modo-aspecto (TMA), etc., são **prefixados** ao radical verbal, os sufixos sendo “modificadores” semânticos (ku-fung-a: *fechar*, ku-fung-**ul**-a: *abrir*)

¹⁷ Escutar crianças falando “parato” em vez de “prato”...

¹⁸ Assim “curuzu”, nome de um bairro de Salvador, é muito provavelmente uma “corruptela” de ‘cruz’.

¹⁹ Cf. em particular o artigo de COUTO, o.c.

- * muitas línguas têm um tratamento específico para verbos intransitivos ou “intransitivados”²⁰ por meio de morfemas sufixados ao radical verbal; neste caso, o objeto vai ocupar a posição sintática de sujeito, inclusive na concordância com o verbo. Exemplo do kiswahili: **kitanda kinalalika vizuri** (var.: nzuri) lit.: *a cama (se) dorme bem* ; i.e, *nesta cama se dorme bem*.

Estes fatos lembram:

1. o “desaparecimento” das flexões verbais (conjugação), os morfemas flexionais TMA sendo substituídos por chamados “verbos auxiliares” que sempre vão ser **prefixados** ao verbo. (*vou ir...*, *fui viajar...*)
2. a tendência concomitante da obrigatoriedade do nome ou do pronome pessoal (do tipo: *meu pai*, *ele...*) **antes** da forma verbal, também reforçada pela ausência de flexões (*nos vai...*)
3. a pluralização do sintagma nominal pela exclusiva pluralização do determinante ou do **primeiro elemento** pluralizável (dá: *quês calça bonita!*)²¹
4. o “desaparecimento” do dito “passivo” (forma composta: “a parede já foi pintada”), substituído por formas diretas: “*a parede já pintou*”, **com agente nulo e objeto na posição de sujeito**²² – estrutura que não deixa de lembrar a estrutura do kiswahili apresentada acima. Temos assim no PVB estruturas do tipo: (“*cadê a cueca?*”) – ***tá lavando***”.
5. a tendência, no PVB, chamada por alguns autores de “esquerdismo”, em substituir as flexões sufixais (verbais e nominais) por **elementos prefixados**, tal qual ocorre com a pluralização, mas também com formas como “*vou ir*”, *já vai*”, ou “*eisvai*” (por “eles vão”), ou “*fui viajar*” “*eu ia ver*”, e outras mais. Esse “esquerdismo” dá conta dos fenômenos levantados nos pontos 1, 2 e 3. Atribui-se a Ataliba Castilho a seguinte metáfora: “A língua é como uma bola que nunca mais parou de rolar. Alguém desviou o chute para a esquerda e, pronto, a influência aparece em vários lugares”. E se esse chute tivesse sido dado pelos falantes de línguas bantu?

Os traços elencados aqui – todos presentes no corpus de entrevistas realizadas – são mudanças ocorridas ou em via de ocorrer no português do

²⁰ Cf. SEIDL, A. & DIMITRIADIS, A., o.c., e NOUGUIER VOISIN, Sylvie, o.c.

²¹ COUTO, oc., elenca outros exemplos.

Brasil, aumentando a distância linguística entre o PVB (com todas as suas variedades) e a língua-padrão. Sem adotar necessariamente a teoria da prévia criouliização, nem, talvez, a posição radical de Mufwene (o.c.), para quem **toda** mudança é devida antes de mais nada ao contato de línguas, questionando assim a pertinência e até a existência da categoria “línguas crioulas”, parece legítimo perguntar qual seria a “força” que estaria impulsionando estas “deslocações”, já que dificilmente poderiam ser interpretadas como “naturais”, “internas” a uma língua românica (em particular a estrutura apresentada no ponto 4). Assim, por exemplo, as línguas eslavas do sul, que conviveram com o turco durante vários séculos, receberam desta língua impulsos para mudanças que as tornam distintas das outras línguas eslavas. Comrie (1989) elenca outros exemplos de mudanças induzidas pelo contato – ou pela mistura? – de línguas.

De fato, é impossível *provar* de maneira definitiva essa influência estrutural – fonológica, morfológica e sintática – das línguas bantu sobre as variedades de português trazidas de Portugal, mas o fenômeno da “convergência linguística”²³ já foi bastante estudado em outros contextos (formação das línguas crioulas, contatos fronteirizos entre línguas ou variedades, contatos de línguas em geral, “français d’Afrique”, etc.) e todos os estudos comprovam esse fenômeno de “acomodação”, que tem as seguintes características gerais (com referências, da parte de alguns autores, à chamada Gramática Universal, ou então aos “Universais linguísticos”)²⁴:

- é a estrutura mais “simples” (ou “menos marcada”, mais próxima da GU?) que tende a se impor;
- é a estrutura mais “informativa” (mais “pertinente”? mais “distintiva”?) que tem mais chances de se firmar;
- entrando as duas em conflito, este conflito é resolvido nos moldes do que propõe a Teoria da Otimalidade.

²² Interpretada em geral como sendo o resultado do apagamento de “se”: “já (se) pintou a parede”.

²³ Usamos aqui as duas expressões de “convergência linguística” e “acomodação linguística” como se fossem sinônimas; para a maioria dos autores, de fato são sinônimas, ainda que se possa pleitear que seria melhor falar em **convergência** quando as duas (ou mais) línguas em contato mudam, o que poderia levar ao surgimento de uma nova língua que seria uma espécie de “meio termo”, e em **acomodação** quando o contexto é de língua dominante/língua dominada.

²⁴ Cf. CLEMENTS, o.c., MIGGE, o.c., THOMASON, o.c., entre outros.

No Brasil mesmo, foram levantadas mudanças lexicais, morfológicas e sintáticas, em particular nos falares germânicos em contato com o português padrão ou não-padrão, que atestam essa “acomodação”²⁵.

De qualquer modo, é inegável a importância da contribuição africana à formação do léxico brasileiro²⁶, apesar dos esforços de alguns linguistas e filólogos que se empenharam em procurar “raízes tupi” ao ponto de “tupinizar” palavras africanas (exemplos em Câmara Cascudo: mocotó, cotó, e outros).

Relexificação do português brasileiro pelas línguas africanas

Se as “acomodações” morfológicas e sintáticas são questionáveis – e questionadas pelos linguistas que recusam a hipótese da “prévia criouliização”²⁷, como se esta teoria fosse a única a poder dar conta dos fenômenos induzidos pelo contato de línguas, – a integração de lexias e expressões (empréstimos por calque) de origem africana, sobretudo bantu²⁸, é tão “perfeita” que a consciência linguística dos falantes em caso nenhum vai acusar estas palavras ou expressões de serem “estrangeiras”; elas entram em derivações, recebem prefixos e sufixos do português (escangalhar, Engomadeira²⁹, encabular, engambelar) e fazem parte da fala “comum” da maioria dos brasileiros.

Essa relexificação não diz respeito somente a lexias simples: se considerarmos a expressão do “français d’Afrique” “*prendre son pied la route*”³⁰ e

²⁵ Cf., por exemplo, o artigo de Ute B. FUERST in TARALLO (org), 1986, Fotografias sociolinguísticas, SP, Pontes, ou a dissertação de Mestrado de Ana Cecília BIEGER (2004, Guajará-Mirim, UNIR, sob minha orientação); no que diz respeito ao contato brasileiro-boliviano e a respectiva acomodação, ver a dissertação de Mestrado de Noely BARBERY (2004, Guajará-Mirim, UNIR).

²⁶ Cf. o levantamento sendo feito por Angenot e Angenot, atualmente com mais de 3700 itens e as suas variantes. Este levantamento – ainda em via de elaboração – por enquanto apresenta todas as formas encontradas na literatura (a mais diversa) apresentando palavras cunhadas como sendo “de origem africana”, como, por exemplo, a tese ou o dicionário de Yeda Pessoa de Castro, de Lopes, etc.

²⁷ Ver a esse respeito o que escreve Norma da Silva Lopes (o.c.), analisando esta recusa.

²⁸ As lexias de origem nagô, ou kwa, ou mina (Costa dos Escravos) são muito mais presentes no vocabulário do “povo de santo”, e na maioria dos casos têm essa conotação de “coisa de candomblé”.

²⁹ Bairro de Salvador (Bahia): o sentido —que era, muito provavelmente, “*lugar onde se guardam os bois*” —se perdeu.

³⁰ Lit.: *tomar o seu pé a pista*.

comparar com “*danar o pé na carreira*”, ou então com “*dar no pé*”, percebe-se que “visões do mundo” se manifestam através destas expressões metafóricas (*ter a cabeça feita, ter o corpo fechado, bater a perna, a dona do corpo* (var.: *a mãe do corpo*) (o útero), *coisa feita, coisa botada* etc.), e que essas visões do mundo remetem à África⁵¹.

Graças a composição pluri-nacional da nossa equipe de pesquisa (Brasil + Congo + Gabão + Angola) estamos principiando também um trabalho nos moldes do que propôs Holmes (Papia 1, 2, 1991): levantar os empréstimos por calque nos ditados e provérbios.

Na medida do possível, procuraremos estabelecer a origem destas expressões, como também das lexias levantadas, para dirimir dúvidas quanto a sua suposta “africanidade”; não basta afirmar, tem que provar...

Listamos as lexias encontradas conforme os seguintes critérios (aqui alguns exemplos):

1. Palavras já integradas ao português de Portugal antes de chegar ao Brasil, conforme Houaiss (atestadas a partir do sec. XVI em Portugal): *cacimba* (quimb. *kixima* ‘poço; lugar próprio para tirar água em rio ou poço’; f.hist. 1575 *quicima*, 1675 *cacimba*, Houaiss), *caçamba* (cf Houaiss, atestado em Portugal no sec. XIX) *bunda* (Francisco Solano Constâncio Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa. Paris, 1836.), e outros
2. Palavras referidas como bantuisms brasileiros por Houaiss e Aurélio
3. Palavras de “origem controvertida”; assim, em Houaiss: “*abancar*”: *orig.obsc.*; JM *levanta, com dúvida, a hipótese de uma orig. africana* (Houaiss, para alguns dos sentidos do verbete) ou ainda: AMARELO IMPOMBADO: “Pálido” -usado para designar pessoa com aparência doentia cf “pomboca”. Houaiss: segundo Nei Lopes, do cruzamento do quicg. *mpombo* ‘tolo’ com o port. *Boboca*.

(Aqui teria também que se verificar todos os sentidos de “*bomba*” – é possível que se tenham “aglomerado” sentidos levando a etimologias distintas, umas européias e outras africanas).

Assim, apesar de apresentar os “bantuisms” no clique “etimologia”, o Houaiss fica bastante cuidadoso ao indicar os cognatos apresentados como étimos

⁵¹ Ver a esse respeito BASTIDE e outros.

por Nei Lopes e/ou Yeda Castro, entre outros; tanto assim que indica como sendo “de origem controvertida” várias palavras rotuladas como “africanas” por outros autores.

Esta “prudência” de Houaiss se deve ao fato que ainda não foram aplicados aos “africanismos” os princípios básicos da Linguística Histórica na identificação dos étimos dos bantuísmos brasileiros (a nossa equipe de pesquisa (MCL, UNIR) já iniciou essa tarefa, e resultados preliminares já foram apresentados, em particular no WOCAL/SP em 2008).

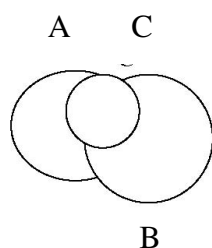
Outras pistas

Porém, para a identificação dos bantuísmos com as suas variantes e seus respectivos étimos, e diante da extrema variabilidade das formas levantadas, recorreremos não só aos parâmetros e princípios clássicos da linguística histórica tal qual foram aplicados nas reconstruções do proto-bantu por exemplo, como também a alguns conceitos desenvolvidos pela dialetologia (Schuchardt) e em particular à controvertida “teoria das ondas” (Wellentheorie)³², que per-

³² Wellentheorie, (Wikipédia): *Sprachwissenschaft*: ursprünglich von H. Schuchardt (1868), später auch von Johannes Schmidt (1872) verwendete Bezeichnung für die Herausbildung von Einzelsprachen aus einer Grundsprache durch allmähliche Differenzierung, wobei sich sprachliche Neuerungen von beliebigen Punkten aus (den Wellen im Wasser entsprechend mit wachsender Entfernung vom Zentrum schwächer) verschieden weit ausdehnen. Der Wellentheorie zufolge verfügen räumlich und/oder zeitlich benachbarte sprachliche Varietäten über ein weitgehend übereinstimmendes Sprachinventar. Die Wellentheorie markierte eine Gegenposition zur Stammbaumtheorie. Die **Wellentheorie** der Sprachentwicklung wurde von Johannes Schmidt (1843-1901) in die Linguistik eingeführt. In seiner Analyse der *“Verwandtschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen”* begründete er 1872 die Auffassung von der allmählichen räumlichen Verbreitung sprachlicher Neuerungen, kurz *“Wellentheorie”* genannt. Die *“Wellentheorie”* richtete sich gegen die ehemals aufkommende Lehrmeinung von der *“Ausnahmslosigkeit der Lautgesetze”*, mit der die Junggrammatiker bis in die 1930er Jahre entscheidenden Einfluss in der indogermanischen Sprachwissenschaft hatten. Im Analogieschluss zur Wellenlehre sah Johannes Schmidt Sprachveränderungen bzw. -entwicklungen der indogermanischen Sprachen und anderer Sprachfamilien als Resultate gegenseitiger Überlagerungen bzw. Interferenzen und kleinerer Anpassungen, die jeweilig in kleinen Gruppen entstehen und sich ausbreiten, wobei der Effekt immer schwächer wird, ähnlich den Wellen, die ein ins Wasser geworfener Baustein erzeugt. Die Wellentheorie ergänzt die von August Schleicher (1821-1868) entwickelte Stammbaumtheorie, nach der sich Sprachen vergleichbar der Evolution biologischer Arten aus Ursprachen entwickeln. **Mit Hilfe der Wellentheorie kann die Ausbreitung bestimmter sprachlicher Erscheinungen**

mite entender melhor o “espraiamento” desses empréstimos no PVB e as formas “erráticas” e variadas que eles apresentam:

Teoria das ondas (Wellentheorie)



As linguas A, B e C se influenciam mutuamente

Assim, a Teoria das Ondas, rejeitando o modelo da “árvore genética”, não trabalha com os conceitos de “nascimento” e de “morte” de uma língua: as línguas não são estanques, e a maioria das mudanças e inovações seriam devidas ao contato de línguas e de dialetos. Proposta por Schuchardt e desenvolvida por Johannes Schmidt, a “Wellentheorie” foi uma tentativa de modelização do fenômeno de contato de línguas e de suas consequências linguísticas, não só na relexificação e no empréstimo, como também no espraiamento de características sintáticas e semânticas.³⁵

Salikoko Mufwene (2007) no artigo que consta nas nossas referências bibliográficas, questiona assim a pretensa “especificidade” das línguas ditas crioulas, dando igualmente a maior ênfase aos fenômenos de contato de línguas, vistos como principal fator de mudança linguística; lembra também o fato de que esses contatos aconteciam entre várias formas não-padrão das línguas européias e várias línguas e variedades dialetais de línguas africanas.

O seguinte exemplo, tirado do levantamento de Angenot e Angenot (2008), mostra a variação, inclusive semântica, das formas atestadas no Brasil,

über Sprachgrenzen hinaus einfacher erklärt werden als mit evolutionstheoretischen Modellen, wie z. B. der genetische Drift. (grifo nosso) (Universidade de Erfurt).

³⁵ Outra definição da Wikipedia: **Teoría de las ondas:** Hipótesis introducida por el alemán Johannes Schmidt en 1872, para oponerla a la llamada teoría del árbol genealógico de August Schleicher, y compartida subsiguientemente por otros, como Otto Schrader y Antoine Meillet, por la cual se sugiere que las lenguas evolucionan formando fenómenos que divergen y convergen entrecruzándose de modos diversos como las ondas que se forman en la superficie de un estanque cuando se echa sobre ella un puñado de piedras.

e aponta para a possibilidade de introduções sucessivas, independentes umas das outras e talvez provindo de línguas ou dialetos diferentes.

balandango	balã ^m da ⁿ gu	SU	balandango ruído metálico, tinido de cencerro.
balangandã	balã ⁿ gã ^m dã	YP	balangandã, balagandã, barangandã
balagandã	balagã ^m dã	BR	(a) coleção de ornamentos ou amuletos, em metal ou prata, em forma de figa, medalhas, chaves, peixes, meia-lua, etc., usada pelas baianas em dias de festa.
barangandã	barã ⁿ gã ^m dã	LP	(b) penduricalhos
berenguendém	berẽ ⁿ gẽ ^m dẽ	LP	balangandã (a) testículos
balangue	ba'la ⁿ gɪ	PS	balangue (a) testículos <i>Kik-Kim</i> bula ⁿ ga ⁿ ga <i>balouçar</i> > ^m balã ⁿ gã ⁿ ga <i>penduricalhos</i> <i>Kik</i> ^m balã ⁿ gẽ <i>Kim</i> mala ⁿ ga
		NL	balangandã ornamento constante de uma penca de enfeites-amuletos, em geral de prata. <i>Kik</i> bolo ⁿ go ⁿ za <i>objeto que tilinta quando é transportado de um lado para outro;</i> <i>Kim</i> ^m balã ⁿ gã ⁿ za <i>brigão, conflituoso</i> <i>Zulu</i> bulu ⁿ gana <i>porções que formam um tudo</i>
balanguanje cf. imbalanganze			
balangue cf. balangandã			

SU = Saul Martins (1969, 1991)

YP = Yeda Pessoa de Castro (2001)

NL = Nei Lopes (2003)

BR = pan-brasileiro

LP = linguagem popular

PS = Povo de Santo

Estamos empenhados também em levantar os contextos históricos e sociais de inclusão/exclusão dos bantuisismos no PVB, para tentar entender melhor o porquê e o como dessa inclusão/exclusão; assim, das formas acima elencadas, Houaiss apresenta as seguintes:

Balangandã:

- substantivo masculino

Regionalismo: Brasil.

- 1 ornamento de metal em forma de figa, fruto, animal etc., que, preso a outros, forma uma penca us. pelas baianas em dias de festa; serve tb. como objeto decorativo, lembrança ou, se miniaturizada, jóia ou bijuteria; **berenguendém** [No passado era us. esp. na festa do Senhor do Bonfim, em Salvador, pendente da cintura ou do pescoço das afro-brasileiras, e constituía amuleto contra o mau-olhado e outras forças adversas.]

2 Derivação: por extensão de sentido penduricalho de qualquer formato.

- balangandãs
- substantivo masculino plural

Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: informal, jocoso.

3 q. *TESTÍCULOS*

Finalmente, Houaiss propõe a variante barangandã (aplicação do rotacismo). Os dicionários se tornam, assim, um desses espaços de inclusão/exclusão....

Mas neste trabalho pretendemos tão-somente apresentar o “estado da arte”, e, quando possível, as hipóteses quanto às origens das lexias. Foram levantadas dentro do corpus umas cinquenta lexias comprovadamente bantu, e mais outras tantas cuja origem precisa ser investigada, sendo que algumas podem provir de línguas africanas não-bantu, quem sabe de línguas ameríndias, ou de outras línguas que chegaram a fazer parte do ecossistema brasileiro, ou então “serem portuguesas mesmo”!

Lexia de origem bantu aceita pelos pesquisadores	Lexia de provável origem bantu	Lexia “de origem controvertida”
angu	balela	ABANCAR
aranzé	bazuca	ABRECAR
bagunça	binga	ABUFELAR
banguelo	bula-bula	ACEIRO
banzando	bulir	ACOHADO
Banzé	cabular	ACOITAR
banzeiro	carraspana	AFOBADO
bozó	fuleragem (fuleiro)	AFOBADO
bunda	fuxico	ARENGAR
cabaço	guimba	ARIADO
caçamba	ladino	ARRUAÇA
cachaça	mafu	ARRUAÇA
cacimba	manguaça	ATAZANAR
Cafuá	marimba	ATINAR
cafuringa	mochila	BACORINHO/BACURIM
calango	moringa	BADERNA
calundu	murrinha	BAFAFA
camburão	sacana	BAGACEIRA
cangaço	zanzar	BAGUIO
cangalha		BAMBURRAR
capanga		BATORÉ
capenga		BILOTO/BIRIMBELO
careca		BREJO

Fuzuê		BROCO
Ginga		CAÇUÁ
guinada		CATINGA
Lundu		CHILIQUE
macambira		GORÓ
maconha		PACOVÁ
mafuá		PIÁ
marafa		PICUÁ
marafu		SABUGO
massapé		TUFADO
mataco		TUMTUM
mulambo		XIBIO
pataca		XINGAR
quitanda		
quitute		
quizila		
quizumba		
suruba		
suruma		

Lembramos que “origem aceita” não implica que todos os dados foram levantados, nem que a “língua fonte” tenha sido estabelecida de maneira unívoca; ademais, muitas formas são pan-bantu, e são essas justamente que tinham mais chances de se manter, por razões óbvias.

Referências bibliográficas

ANGENOT, GERALDA DE LIMA V., et ANGENOT, JEAN-PIERRE. 2008. Dicionário de bantuisms brasileiros. *Cadernos de Ciências da Linguagem*. Publicações on-line do Campus de Guajará-Mirim, <http://www.campusguajara.unir.br>. ANGENOT, J-P., JACQUEMIN, J-P., VINCKE, J. 1974. *Répertoire des vocables brésileins d'origine africaine*, Lubumbashi, CELTA.

BARBERY, Noely de Oliveira. 2004. *O ecossistema linguístico em Guajará-Mirim/RO: a fala dos imigrantes bolivianos e a hipótese da interlíngua*, dissertação de mestrado,

UNIR/RO, campus de Guajará-Mirim. (não publicada)

CARDOSO, Susana Alice Marcelino, MORA, Jacyra Andrade, MATTOS e SILVA, Rosa Virginia (orgs). 2006. *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*, Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia.

CASTRO, Yeda Pessoa de. 2001, 2005. *Falares africanos na Bahia*, RJ, Topbooks.

- CLEMENTS, J. Clancy. 1996. The Genesis of a Language: The formation and development of Korlai Portuguese, *Creole Language Library* 16, 1996. xviii, 282 pp.
- COMRIE, Bernard. 1989. *Language universals and linguistic typology*, Chicago, The University of Chicago Press.
- COUTO, H.H. de. 2003. Resquícios de africanismos linguísticos no Brasil. *PAPIA* 13, 2003, p.125-135, com a sua bibliografia.
- LIPSKI, John M. 1989. The Speech of the Negros Congos in Panama. *Creole Language Library* 4, 1989. vii, 159 pp.
- LOPES, Norma da Silva. 2003. Perda ou aquisição no português brasileiro? *PAPIA* 13, p.150-156.
- LOPES, Nei. 2003. *Novo dicionário banto do Brasil*, RJ, Pallas.
- MEGALE, Heitor (org.). 2000. *Filologia Bandeirante -Estudos* 1, São Paulo: Humanitas
- MIGGE, Bettina. 2003. Creole Formation as Language Contact: The case of the Suriname Creoles, *Creole Language Library* 25, 2003. xii, 151 pp.
- MOUS, Maarten. 2003. The Making of a Mixed Language: The case of Ma'a/Mbugu. *Creole Language Library* 26, 2003. xx, 322 pp.
- MUFWENE, Salikoko. 2007. Population Movements and Contacts in Language Evolution. *Journal of Language Contact*, THEMA 1 (2007), www.jlc-journal.org
- NOUGUIER VOISIN, Sylvie. 2005. Antipassif et langues accusatives, in: LAZARD & MOYSE-FAURIE, eds, *Linguistique typologique*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion.
- NUNES, José Horta, PETTER Margarida (orgs). 2002. História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro, SP, Humanitas/FFLCH/USP, Pontes.
- PINTO, Auxiliadora dos Santos. 2005. O Conservatismo na fala de migrantes nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim. Dissertação de mestrado, UNIR/RO, campus de Guajará-Mirim. (não publicada)
- RODRIGUES, Aryon D.1996. As línguas gerais sul-americanas. *PAPIA*, 4(2), p.6-18.
- SEIDL, A. & DIMITRIADIS, A. 2003. Stative and reciprocal morphology in Swahili, in: SAUZET & ZRIBI-HERTZ, eds, *Typologie des langues d'Afrique & Universaux de la grammaire*, vol.1, Paris, L'Harmattan.
- TEIXEIRA, M.A.D., & FONSECA, D.R.de. 2001. *História regional (Rondonia)*, 2.ed., Porto Velho, Rondoniana.
- THOMASON, Sarah G. (ed.). 1997. Contact Languages: A wider perspective. *Creole Language Library* 17, 1997. xiii, 506 pp.
- ZIMMERMANN, Klaus, ed. 1999. *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, Bibliotheca Ibero-Americana Vol. 66, Alemanha, Espanha; Frankfurt, Madrid: ed. Vervuert, Iberoamericana.